

De encontros e mortes – A necessidade do ridículo

Ana Goldenstein Carvalhaes
Mestre em Estética e História da Arte pela USP
Performer e Professora da Universidade Sorocaba

Resumo: Quando engatamos numa marcha, da repetição da vida, e não percebemos, as vezes acabamos por construir mascaras fantasiosas e ilusórias de nós mesmos. Isso também se dá na cena. Há todo um movimento performático contrário à essa forma de representação e ilusão, que tem a ver com uma luta contra a falsidade e a “a grande falcatrua” da vida social (PESSANHA, 2002). Performances podem ser bons lugares para deslocar a noção que a pessoa tem de si mesma, mas o deslocamento pode ser penoso. Por exemplo, é muito comum a gente se sentir ridículo performando. Mas é importante se sentir ridículo em cena, há um estranhamento interessante nessa sensação. Uma forma de proteção contra essa sensação poderia ser justamente a construção dessas mascaras que não necessariamente ajudam na transformação da pessoa que performa. Mas se estamos esperando uma transformação do artista e do público, criado pela experiência artística, assumir certo grau de ridículo pode ajudar nessa empreitada. A persona performática clama pela experiência de uma intensidade de nós mesmos. É um problema de uma existência. E a existência, um enigma. Essa reflexão se dá a partir da experiência realizada no evento X Moradias, em São Paulo em 2009, de uma performance executada por mim e proposta pelos artistas Cassio Santiago e da Elisa Band. Só o que fazemos de nós mesmos é o que importa, numa inteira responsabilidade por sermos assim tão ridículos.

Palavras-chave: Persona, máscara, transformação, ridículo

Participei de uma experiência muito forte. Fui convidada para “executar” a performance do Cassio Santiago e da Elisa Band. Era o projeto X Moradia: de dois em dois, o público recebia um mapa e ia andando pela cidade, entrando em casas específicas aonde aconteciam instalações, performances e outros acontecimentos. Cada dupla tinha 10 minutos. Eu era instalada em uma dessas casas, na Bela Vista. Recebia as pessoas, e em nossa sessão, eu contava uma história e pedia para que cada dupla me contasse outra. E gravava o áudio da conversa: era uma brincadeira com a oralidade, a palavra. Um jogo de possíveis encontros com pessoas estranhas. A experiência do percurso que o público fazia antes de chegar até aquela casa ajudava nos relatos. Os acentos e sotaques ganhavam importância, as gírias vinham com força, as muitas línguas que foram gravadas apontavam modos de vida, culturas. Depois de gravado e escutado com atenção, o relato poderia ser sentido como música. Então era também um jogo sonoro. Ouvi muita música.

Mas para que as pessoas me dessem algum relato significativo, que fizessem uma fala generosa, era preciso que elas se sentissem a vontade, seguras naquele espaço. Confiantes em mim. Quem entrava também precisava *chegar*. Muitos entravam ofegantes,

ansiosos e curiosos para descobrir o que era a performance daquela casa. Comeriam ovo frito? Assistiriam a um espetáculo? As vezes havia desapontamento, por ser “somente” uma conversa a tal “performance”. Então era preciso esperar a pessoa se desarmar, tomar uma água, escutar o silêncio. Só depois começávamos. Porque não adiantava nada estar disponível se meus companheiros de 10 em 10 minutos não estivessem.

Alguns achavam que eu estava ali só pra papear. Eu não queria só papear, queria trocar uma experiência, ter algo. E queria sentir. Experimentei várias coisas, vários tipos de histórias e formas de contar. Contei meus sonhos, e eles me contaram os seus. Mas não era tão rico: como eu não conhecia as pessoas, seus sonhos criavam pouco significado, ou viravam histórias inventadas na hora. Era divertido também, mas a troca era mais superficial. Outra forma que usei mais sistematicamente era apresentar a história que eu havia acabado de gravar, da visita anterior. O jogo era logo entendido, mas mesmo assim era necessário oferecer uma história minha, não gravada e verdadeira. Eu tinha que oferecer algo meu. Era fundamental que se eu ganhasse algo (e eu pedia que as pessoas se abrissem para mim) deveria dar também. Se não fosse assim não era justo, a relação não seria equilibrada. Na maior parte das vezes, enquanto eu não desse de mim, as pessoas nem abriam a boca. Dava um branco nelas, não se lembravam de nenhum acontecimento, nem mesmo aquele irrelevante. Ou as vezes alguém até contava sua história primeiro, mas antes de irem embora, invariavelmente, pediam a minha vez.

Recebi muita gente. Claro que tiveram aqueles que não entraram no jogo. Teve dois caras que não queriam estar sentados na minha cama, falamos sobre isso. Foi tudo muito rápido. Teve também um encontro de mútua antipatia, uma menina que ainda por cima tentou registrar minha imagem (filmando) enquanto eu contava minha história. Me senti exposta da pior forma. Eu estava tentando tão fundo não expor ninguém! Eu mesma falava, a minha pessoa, era eu quem estava ali. Quantas vezes me senti ridícula naquela situação. Por que eu estava tentando me encontrar com pessoas que nunca tinha visto?, me arriscando ao ridículo desse nada, desse apenas estar e falar, estar ali e nada.

Tinha gente de vários estados, e de outros países... Tinha gente que queria conhecer a casa inteira! E faziam milhões de perguntas, sobre minha vida, meus parentes. Mas isso tudo é curiosidade. O não dito, trocado pelos olhos que era o importante. O calor que as vezes sentíamos, mesmo sem nos conhecermos, e as risadas e lágrimas, ou algo que nos surgia em dez minutos. A limpeza da relação, a relação direta. O descobrir.

Só era possível que meu público se abrisse para mim e entrasse em contato se eu me desse de verdade, atravessando uma fronteira do “teatro social”. Não adiantava eu contar

mentira, eu contava coisas minhas reais, caso contrário eu seria desmascarada. E isso de fato aconteceu, quando repeti uma coisa que tinha dado certo duas vezes seguidas: meu silêncio que antecedia nossas conversas se prolongou um pouco a mais e intrigou minha visita de forma cativante. Isso me excitou e eu repeti. Repeti duas vezes. Com essa mulher, minha ação não veio mais de uma reação à situação (mesmo porque ainda não havia *acontecido* nada). Então ela percebeu que era uma farsa, que eu estava representando, e me chamou a atenção: “por que você está assim misteriosa?” mas num tom cínico: ela tinha me desmascarado. Foi só então que percebi essa máscara que tinha colocado em mim mesma de forma estúpida, dentro de meu jogo egóico inconsciente! Pelo menos percebi rápido. Tive pretensões com ela: envolve-la no meu mistério, conquistar sua presença na minha. Essa sessão não deu certo. Próxima! Era tanta gente!

Tive, claro, vários encontros extremamente sensíveis, que afetaram de alguma forma. Só vou contar de uma visita bastante especial que transformou de alguma forma toda experiência. O assunto que despertou o acontecimento foi, ironicamente, a morte. Uso nomes fictícios e peço a intimidade do leitor deste texto: a visita entrou. Falamos de coisas muito íntimas. O mais importante foi quando um assunto nos pegou de forma inesperada. Ironicamente, falávamos sobre a morte - ela que despertou o acontecimento. Fabrício, minha visita-público me contou da morte de seu irmão. Mas contou de uma forma suave, com uma naturalidade calma de quem observa transformações. Foi o que me fez lembrar de quando meu vô morreu. Quando meu vô morreu, eu tinha 12 anos e a Nina tinha ido dormir em casa. De manhã meu pai veio me acordar e me contou. Eu entrei no banheiro, e quando sai a Nina já tinha ido pra escola, ela foi e a gente não se deu tchau. Contei no mesmo minuto essa história pro Fabrício (minha visita-público da performance) e ficamos conversando sobre o dar tchau, por algum tempo. Então o Fabrício me perguntou se eu dei tchau pro Renato quando ele morreu. Como ele sabia do Renato? Até então eu achava que nunca tinha visto ele na vida, e de repente a semana que o Renato morreu me veio inteira... Qual o sentido da morte, qual o sentido da vida? A morte vem assim de forma tão misteriosa,

Foram pequenos acontecimentos que só se deram depois que abri um espaço completamente incerto, que era o espaço daquela performance, daquela proposta. Lugares assim podem ser perigosos. Lidei com pessoas estranhas e muito diferentes, sem poder criar nenhuma expectativa sobre o público, sobre o que seria aquele encontro. Talvez o público já tivesse uma forma ou expectativa de se relacionar com “performances”, talvez não. O ideal para um acontecimento, *uma experiência*, é se colocar em situações estranhas, propor ou induzir deslocamentos. Nessas condições perigosas, é bem fácil o performer se sentir ridículo. Em

geral o performer gosta e precisa penetrar em lugares perigosos. Se ele está disposto a passar por muitas sensações, quando há deslocamentos intensos como esse do X Moradias, a sensação de ridículo é comum. É importante se sentir ridículo em cena, há um estranhamento interessante nessa sensação.

Quando engatamos numa marcha, da repetição da vida, e não percebemos, as vezes acabamos por construir máscaras fantasiosas e ilusórias de nós mesmos. Só o que fazemos de nós mesmos é o que importa, numa inteira responsabilidade por sermos assim tão ridículos. Isso também se dá na cena. Há todo um movimento performático contrário à essa forma de ilusão, que tem a ver com uma luta contra a falsidade e a “a grande falcaturia” da vida social (Pessanha, 2002).

Por que não transbordar as fronteiras da farsa? Por que o cinismo se mantém como forma? Por que tomar escolhas enganosas, ilusão de nós mesmos, para nós mesmos, se tudo não passa de uma simples vida, uma pequena existência, que mal consegue explicar-se a si, que luta o tempo inteiro em sua respiração? Que tem a morte como certeza e como aliada?

Performances podem ser bons lugares para deslocar a noção que a pessoa tem de si mesma, mas o deslocamento pode ser penoso. Uma forma de proteção contra essa sensação seria justamente a construção dessas personagens-máscaras do mundo-ilusão, que não necessariamente ajudam na transformação da pessoa que performa. Mas se estamos esperando uma transformação do artista e do público, criado pela experiência artística, assumir certo grau de ridículo pode ajudar nessa empreitada. A persona performática clama pela experiência de uma intensidade de nós mesmos. É problema de uma existência. E a existência, um enigma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PESSANHA, Juliano G. *A certeza do Agora*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

SANTIAGO, Cassio. “Plástica Social como Forma de Esculpir o Mundo”. Seminário Internacional *Joseph Beuys, A Revolução Somos Nós*, realizado por ocasião da exposição de nome homônimo. Sesc Pompeia, 16.10.2010.

http://www.forumpermanente.org/.event_pres/jornadas/joseph_beuys